Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 3, set-dez/2007

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

Trabalho das passagens, de Walter Benjamin

Renato Kirchner

Universidade São Francisco (USF)
Campinas, Brasil

RESUMO

Trabalho das passagens, de Walter Benjamin

O propósito deste texto é fazer uma apreciação da obra capital de Walter Benjamin, cuja tradução brasileira foi publicada em 2006. O texto divide-se em dois momentos: o primeiro é uma tentativa de expor alguns dados biobibliográficos de e sobre o autor; o segundo propõe-se a fazer uma análise mais detalhada do *Trabalho das passagens*. Nessa perspectiva, são feitas algumas considerações técnicas sobre a obra e, em seguida, tomando por base o epistolário entre Benjamin e Scholem, busca-se entender o modo peculiar como esta obra foi concebida por Benjamin. *Trabalho das passagens* é um conjunto de textos que se relacionam a um grande projeto: um livro sobre a cidade de Paris no século XIX. Benjamin retoma nele o velho motivo do “livro do mundo” e emprega-o em sua “leitura” da cidade de Paris do século XIX: a capital francesa e suas famosas galerias, isto é, as “passagens”. Elas são as galerias comerciais da época ou os primórdios das lojas de departamentos.

Palavras-chave: Benjamin – Paris – resenha

ABSTRACT

Walter Benjamin's *Arcades Project*

The purpose of this text is to make an appreciation of Walter Benjamin's main work, translated and published in Brazil in 2006. The text is divided in two parts: the first one attempts to expose bio- and bibliographic information from and about the author; the second one proposes a more detailed analysis of *The Arcades Project*. For this purpose, I do some technical considerations about the work, and try to understand how it was conceived by Benjamin following his correspondence with Scholem. *The Arcades Project* is a set of texts related to a larger project: a book about Paris in the nineteenth century. Benjamin repeats the old motive of the “book of the world” and employs it in his “reading” of nineteenth century Paris: the French capital and its famous galleries named “arcades”. They are the glass-roofed rows of shops that were early called as centers of consumism.

Keywords: Benjamin – Paris – review

KIRCHNER, R. “*Trabalho das passagens*, de Walter Benjamin”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. I, n. 3 (set-dez/2007), pp. 33-46.

10.22409/1981-4062/v3i/45

Aprovado: 08.12.2007. Publicado: 27.12.2007.

© 2007 Renato Kirchner. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 08.12.2007. Publicado: 27.12.2007.

© 2007 Renato Kirchner. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Quantos de nós já não ouviram falar ou mesmo leram uma das obras de Walter Benjamin? Mas, quem é Walter Benjamin? Um escritor? Um crítico? Um ensaísta? Um historiador? Um filósofo? Um pensador? *Trabalho das passagens* [*Das Passagen-Werk*] sugere, por sua natureza e composição – como procuraremos demonstrar nesta apreciação –, uma resposta muito ampla a estas perguntas. Talvez Benjamin seja todos estes personagens ao mesmo tempo, motivo pelo qual, a cada aproximação, sua obra e também ele se apresentam de maneira nova. Na medida em que seja adequado e conveniente compreender cada nova tentativa de leitura e interpretação da obra benjaminiana, talvez pudéssemos utilizar a figura do caleidoscópio, pois a cada novo movimento combinações variadas de impressões se formam e diferentes sensações se manifestam, o que nos leva a aceitar, então, que Walter Benjamin seja, de fato, não único, mas múltiplo. Contudo, nosso propósito só ficará mais claro se pudermos expor isso a partir de sua obra como um todo e, em particular, desde a monumental obra das *Passagens*.

Passagem é uma referência explícita e inequívoca às “passagens parisienses” enquanto galerias comerciais ou primórdios das lojas de departamentos.¹ E, por que não, dos atuais centros comerciais ou *shopping centers*? De fato, as passagens são essencialmente entradas e saídas ao mesmo tempo. Cada entrada pode ser vista como uma possível saída e cada saída como uma possível entrada. Parece que, no *Trabalho das passagens*, em particular, e na obra benjaminiana como um todo, *tudo é possível*! Não há conceito melhor para descrever sua obra do que as “passagens parisienses”, razão pela qual a obra que leva este título é considerada sua obra de maior expressão. Embora, como veremos adiante, nunca tenha sido publicada, Benjamin trabalhou nela durante os 13 últimos anos de sua vida, de 1927 a 1940.

Para Benjamin, Charles Baudelaire (1821-1867) representa o autor do século XIX por excelência. Em “O pintor da vida moderna”, de 1863, escreve Baudelaire que Honoré de Balzac (1799-1850) é um artista e pintor genial dos costumes modernos. Talvez seja possível avistar uma resposta à pergunta quem seja Benjamin no que Baudelaire escreveu a respeito de Balzac: “Observador, errante, filósofo, chamem-no como quiserem”, diz. E um pouco adiante: “Ele é o pintor da circunstância e de tudo o que ela sugere de eterno. Cada país, para seu prazer e para sua glória, possui alguns desses homens”.² Baudelaire é figura central no *Passagens* de Benjamin, pois, em *As flores do mal* [*Les fleurs du mal*], pela primeira vez se revela a cidade moderna como forma e temática poética.

Nessa direção, propomo-nos fazer uma apreciação da *opus maius* benjaminiana, publicada no Brasil em 2006, pelas Editora UFMG e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.³ Merece menção especial o fato de esta obra ter recebido, neste ano, o Prêmio Jabuti, categoria melhor tradução, e ter sido foco de atenção das editoras universitárias brasileiras na Bienal Internacional do Livro, realizada recentemente no Rio de Janeiro. Nossa apreciação preocupa-se, num primeiro momento, em expor dados

biobibliográficos de e sobre Benjamin e, num segundo, fazer uma análise mais detalhada do *Trabalho das passagens*.

1. Exposição biobibliográfica de e sobre Walter Benjamin

Walter Benedix Schönflies Benjamin nasceu em Berlim no dia 15 de julho de 1892 e faleceu em Port-Bou no dia 27 de setembro de 1940. Filho de Emil Benjamin e Paula Schönflies Benjamin, viveu no seio de uma família judaica de comerciantes. Foi e continua sendo um dos mais notáveis intelectuais alemães do século XX. Na adolescência participou no Movimento da Juventude Livre Alemã. Em 1915, conhece Gerschom Gerhard Scholem, de quem se torna muito próximo, partilhando tanto o gosto pela arte como pela religião judaica. Scholem e Benjamin trocaram ampla correspondência sobre diversos assuntos, especialmente ao longo da década de 30, obra publicada no Brasil no início dos anos 90.⁴

Graduado em filosofia pela Universidade de Friburgo, doutorou-se com a tese *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* [*Der Begriff der Kunstkritik in der deutschen Romantik*], em 1919, na Universidade de Berna, Suíça, obra publicada em 1920.⁵ No início dos anos 20, em meio à efervescência cultural e às turbulências políticas da República de Weimar, aproximou-se de filósofos como Adorno, Horkheimer e Marcuse, na época jovens professores envolvidos na crítica da cultura e da razão capitalistas. Essa aproximação, bem como o diálogo travado ao longo de toda a vida com esse grupo de intelectuais, especialmente com Adorno, não impediram que chegasse a elaborar um pensamento original, embora nem sempre bem aceito no meio universitário alemão.

Prova disso foi a recusa formal, em 1925, da tese de livre-docência submetida ao Departamento de Estética da Universidade de Frankfurt sobre as origens do barroco alemão. O trabalho não foi aceito, pois estava entre as cadeiras de literatura e filosofia. Benjamin não encontrou um professor que o orientasse. Percebeu então que colocavam-se obstáculos, de forma que viu frustrado seu interesse de ingressar na carreira acadêmica. Embora rejeitada, a tese *Origem do drama barroco alemão* [*Ursprung des deutschen Trauerspiels*] veio a público no ano de 1928.⁶

Fracassados seus planos acadêmicos, lançou-se numa carreira de tradutor, jornalista e radialista. Dos sete volumes de *Em busca do tempo perdido* [*À la recherche du temps perdu*], de Marcel Proust (1871-1922), Benjamin traduziu três para a língua alemã. Durante a década de 20, interessa-se pelo marxismo, e juntamente com seu colega Theodor Adorno, entra em contato com a filosofia de Georg Lukács. Esses anos são marcados também pela elaboração de resenhas, as quais trariam reconhecimento a Benjamin como crítico literário. Entre estas merecem atenção, por exemplo, os textos sobre livros infantis e brinquedos: “Livros infantis velhos e esquecidos” (1924), “Visão do livro infantil” (1926), “Velhos brinquedos: sobre a exposição de brinquedos no Märkische

Museum” (1928), “História cultural do brinquedo” (1928) e “Brinquedos e jogos: observações marginais sobre uma obra monumental” (1928).⁷

De 34 a 35, Benjamin refugiou-se na Itália. Nessa época acirravam-se as tensões entre Benjamin e o Instituto de Pesquisa Social, através do qual usufruía de bolsa de estudos. Em 1940, escreve sua última obra, as teses “Sobre o conceito de história”, considerada por alguns o texto revolucionário mais importante e por outros um retrocesso no pensamento benjaminiano. A sua morte ocorreu durante a tentativa de fugir, atravessando os Pireneus, para a Espanha, pois temia ser entregue à Gestapo. Por não conseguir atravessar a fronteira, já desesperado, comete suicídio, tomando uma overdose de morfina.

Sua obra exerce grande influência no pensamento contemporâneo brasileiro. Benjamin foi recebido primeiramente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mas atualmente é estudado em muitas áreas do conhecimento em diversas universidades brasileiras. Apresentamos aqui reconhecidos estudos realizados da obra benjaminiana publicados no Brasil: D'ANGELO, M. *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. São Paulo, Loyola, 2006; PALHARES, T. H. *Aura: a crise da arte em Walter Benjamin*. São Paulo: Barracuda, 2006; LAGES, S. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusf, 2002; BUCK-MORSS, S. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002; BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1994; GAGNEBIN, J.-M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/Editora da Unicamp/Fapesp, 1994 e *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo: Brasiliense, 1982; SELIGMANN-SILVA, M. *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999 e *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética*. São Paulo: Iluminuras, 1999; MURICY, K. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998; CHAVES, E. *Mito e história: um estudo da recepção de Nietzsche em Walter Benjamin*. São Paulo, FFLCH-USP, 1993 (tese de doutorado); MATOS, O. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989 e *O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993; OTTE, G. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 1994 (tese de doutorado); JOBIM E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vigostky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994; KONDER, L. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988; ROUANET, S. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos na obra de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981; RENÉ-KOTHE, F. *Walter Benjamin [introdução e antologia]*. São Paulo: Ática, 1985, *Benjamin e Adorno: confrontos*. São Paulo: Ática, 1978 e *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976; MERQUIOR, J. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

Vale a pena arrolar também as principais traduções de sua obra, ainda não citadas até aqui. Em ordem cronológica, as traduções brasileiras mais significativas: *Diário de Moscou*. Prefácio de Gershom Scholem, tradução de Hildegard Herbold. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Tradução de Celeste H.M. Ribeiro de Sousa et al., organização e apresentação de Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986; *Sociologia*. Organização, introdução e tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985; *Haxixe*. Tradução de Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho, apresentação de Olgária Chain Féres Matos. São Paulo: Brasiliense, 1984; *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975; *Textos escolhidos [de W. Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas]*. Tradução de José Lino Grünewald, Modesto Carone et al.. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (coleção Os Pensadores, vol. XLVIII).

Todavia, um dos mais importantes empreendimentos editoriais de traduzir Benjamin foi realizado na década de 80. A editora Brasiliense, baseando-se numa “seleta em três volumes” [*Auswahl in drei Bänden*], da editora alemã Suhrkamp, levou a efeito belíssimo trabalho e tornou a obra benjaminiana ainda mais acessível ao público brasileiro. A seguir, apresentamos estes três volumes, bem como uma amostra de textos de cada um deles:

Magia e técnica, arte e política (vol. 1).

Tradução de Sérgio Paulo Rouanet e prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985. Artigos: “A imagem de Proust”; “Pequena história da fotografia”; “Experiência e pobreza”; “O autor como produtor”; “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”; “O narrador”; “Sobre o conceito de história”; “Livros infantis antigos e esquecidos”; “História cultural do brinquedo”; “Brinquedo e brincadeira.

Rua de mão única (vol. 2).

Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. Artigos: “Rua de mão única” (dedicado a Asja Lacis); “Infância em Berlim por volta de 1900”; “Imagem do pensamento”.

Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo (vol. 3)

Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. Artigos: “Paris do Segundo Império: a boêmia, o *flâneur*, a modernidade”; “Sobre alguns temas em Baudelaire”; “Parque central”; “O *flâneur*”; “Jogo e prostituição”.

Partindo das obras benjaminianas publicadas em vida, mesmo que de maneira esparsa, podemos observar que muitos e diversos temas tratados no *Trabalho das passagens* já estão presentes em outros trabalhos. É notório, por exemplo, que nos textos reunidos nos volumes 2 e 3, organizados pela Suhrkamp e traduzidos pela Brasiliense, não somente evidenciam-se temas que são retomados no *Passagens*, mas o “gênero filosófico-literário do fragmento” também se manifesta. Este gênero, enfatiza Willi Bolle, marca o projeto das *Passagens* até o fim, não sendo portanto “uma forma ocasional ou contingente, mas constitutiva da escrita benjaminiana da história”.⁸ Tanto na perspectiva

da estrutura como na do conteúdo, isso pode ser constatado nos textos reunidos nos volumes 2 e 3. Baudelaire, tema central do volume 3, é igualmente tema em torno do qual gravita o pensamento de Benjamin no *Passagens*.

2. Análise do Trabalho das passagens

Inicialmente, faremos algumas considerações técnicas sobre a obra e, em seguida, orientando-nos pelo epistolário entre Benjamin e Scholem, procuraremos entender o modo peculiar como esta obra foi sendo concebida por Benjamin.

Já dissemos que a obra foi escrita entre 1927 e 1940, mas o trabalho concentra-se principalmente nos anos de 1927 a 1929 e, depois, de 1934 a 1940. Conta-se que Benjamin, ao tentar fugir para a Espanha, levava consigo uma cópia da obra. O fato é que tal manuscrito nunca foi encontrado. O que se encontrou, posteriormente, foi uma cópia do manuscrito deixada em Paris e que havia sido escondida por George Bataille, amigo de Benjamin, na Bibliothèque Nationale de France, local em que haviam sido realizadas as pesquisas. Recuperado depois da guerra, o *Passagens* foi publicado apenas em 1982 em sua forma original, pela editora Suhrkamp, ou seja, em alemão e com grandes trechos em francês. Foi publicado na Alemanha por Rolf Tiedemann, discípulo de Adorno.

À edição alemã seguiram-se traduções para diversas línguas: italiana (1986), francesa (1989), japonesa (1993/95), norte-americana (1999), coreana (2005) e espanhola (2005). Cada edição teve autonomia tanto na atribuição de títulos ao conjunto de textos como na própria organização, seja excluindo alguns aparatos técnicos seja acrescentando outros.

O organizador da edição brasileira, Willi Bolle, observa que dispomos “agora da obra principal desse autor no Brasil, país onde sua recepção é das mais intensas”. E continua: “A realização desta versão brasileira só foi possível graças a um longo e intenso trabalho de equipe. A iniciativa de editar as *Passagens* foi de Wander Melo Miranda, diretor da Editora UFMG, e Heloísa Starling, então sua vice-diretora. O texto-base é o da edição original alemã, *Das Passagen-Werk*”.⁹ Sendo a edição original bilíngüe, Irene Aron traduziu os textos do alemão e Cleonice Paes Barreto Mourão os do francês. A revisão técnica é de Patrícia de Freitas Camargo. A organização contou com a colaboração de Olgária Chain Féres Matos, que, juntamente com Willi Bolle, escreveram posfácios que dão uma visão de conjunto da obra benjaminiana e, em particular, do *Passagens*. A Imprensa Oficial do Estado de São Paulo somou esforços à proposta pioneira da Editora UFMG, o que acabou resultando em excelência gráfica no que diz respeito a impressão e acabamento da obra de 1168 páginas, em formato 180 x 270 mm, utilizando os papéis pólen rustic (85 gramas no miolo) e couchê fosco (150 gramas na capa e sobrecapa) e color plus Santiago (180 gramas nas guardas). O empreendimento inédito contou com a participação da Fundação de Desenvolvimento de Pesquisa (Fundep) da Universidade

Federal de Minas Gerais e da subvenção do Goethe-Institut, possibilitando que a obra-prima de Walter Benjamin pudesse finalmente chegar às mãos do público brasileiro.

Quanto à estrutura, a edição brasileira segue basicamente a edição alemã: após a introdução de Rolf Tiedemann, são apresentados dois *exposés*, “Paris, capital do século XIX”, e o volumoso conjunto das “Notas e materiais”, subdivididos em 36 arquivos temáticos, organizados de “A” até “Z” e de “a” até “r”. Em seguida, aparecem quatro textos: “Passagens”, “Passagens parisienses” I e II e “O anel de Saturno” (reproduzidos em ordem cronológica) e os “Paralipômenos”. A edição brasileira contém importante aparato editorial em forma de “Anexos” composto por: “Primeira versão e materiais do *exposé* de 1935”, “Materiais para o livro-modelo das *Passagens* (o *Baudelaire*)”, “Bibliografia utilizada por Walter Benjamin”, “Léxico de nomes, conceitos, instituições” e “Glossário da terminologia benjaminiana” (português–alemão) com base no “Guide to names and terms” da edição norte-americana.

O que são os dois *exposés*? São duas versões resumidas do ambicioso projeto benjaminiano, sendo um de 1935 e outro de 1939. Ao lado de um de seus primeiros ensaios, a saber, “O anel de Saturno ou Sobre a construção em ferro”, “os *exposés* são os únicos textos completos das *Passagens* que podem ser considerados concluídos. Os *exposés* não se destinavam à publicação. Benjamin elaborou a primeira versão, em alemão, para o Instituto de Pesquisa Social, que, em seguida, aceitou apoiar o projeto das *Passagens* e financiá-lo. O *exposé* em francês foi escrito por insistência de Horkheimer, que esperava com ele despertar o interesse de um mecenas americano para Benjamin.¹⁰

Em carta de 20/05/1935 a Scholem, Benjamin deixa entrever seu empenho nesta obra:

Nem sei dizer de quantos anos datam os meus esboços para um artigo que deveria apresentar um corte transversal e nunca foi escrito. Não me admiraria se fossem os clássicos nove anos, com o que estaria superado o prazo de elaboração do livro sobre a tragédia, se o texto das ‘Passagens parisienses’ vier a concretizar-se. Mas esse é o grande ponto de interrogação, pois as condições de trabalho não dependem de mim. As possibilidades de que o Instituto de Genebra venha a se interessar realmente por esse livro são mínimas. Ele [o livro] não faz concessão alguma e, se é que sei algo sobre ele, nenhuma escola se apressará a reclamá-lo para si. [...] Se o livro sobre o barroco mobilizou a própria teoria do conhecimento, o mesmo deveria acontecer no caso das ‘Passagens’, pelo menos na mesma proporção, embora não possa prever se ela será apresentada independentemente nem se irá resultar. Por fim desapareceu o título ‘Pariser Passagen’ [‘Passagens parisienses’] e o esboço chama-se ‘Paris, die Hauptstadt des neunzehnten Jahrhunderts’ [Paris, a capital do século XIX], e cá comigo intitulo-o ‘Paris, capitale du XIX^e siècle’. E com isso impõe-se mais uma analogia: assim como o Livro da tragédia partiu da Alemanha para desfiar o século XVII, este partiria da França para abordar o XIX. Eu tinha em alta conta os estudos que realizei ao longo dos anos e agora, ao perceber com maior nitidez o que teria a fazer, a impressão de grandeza desvaneceu-se completamente. Inúmeras questões ainda esperam por solução.¹¹

Quanto à organização das “Notas e materiais”, que compõem o cerne das *Passagens*, a ordem não corresponde necessariamente à cronologia de sua gênese. É de supor-se que Benjamin tenha aberto cada vez novos arquivos temáticos (*Konvolute* = “maços” ou “dossiês”) quando, no curso de seus estudos, surgia um novo tema que requeria abordagem e elaboração. Isso, porém, no que se refere à ordem dos arquivos. Pois, quanto aos fragmentos propriamente ditos e que compõem cada um dos arquivos temáticos, o editor alemão afirma que as notas deveriam seguir a cronologia de sua redação, embora não seja idêntica à sua gênese, pois Benjamin às vezes transcreveu também anotações de outros manuscritos mais antigos.

Fato é que as “Notas e materiais” foram se avolumando ao longo dos anos de intenso trabalho. Benjamin passou a dispor o conjunto num complexo sistema de arquivo baseado em 36 arquivos temáticos com palavras-chave e referências cruzadas. Sob o título “Paris, capital do século XIX”, o autor redigiu um resumo do material que submeteu à avaliação de Adorno. Na época, Benjamin recebia remuneração do Instituto de Pesquisa Social, que Adorno e Horkheimer haviam transferido de Frankfurt para Nova Iorque. Na ocasião, recebeu uma crítica tão severa que resolveu deixar de lado o projeto por algum tempo e decidiu extrair do conjunto um livro sobre Baudelaire. Adorno teria lido parte do livro e novamente teria sido crítico, isto é, o texto estaria desconjuntado e não suficientemente fundamentado.

Os 36 arquivos, num total de 4.234 fragmentos, encontram-se organizados por letras maiúsculas e minúsculas. Contêm temas como, por exemplo: B – Moda; D – O tédio, eterno retorno; F – Construção em ferro; G – Exposições, Publicidade, Grandville; J – Baudelaire; K – Cidade de sonho e morada de sonho, Sonhos do futuro, Niilismo antropológico, Jung; N – Teoria do conhecimento, teoria do Progresso; X – Marx; Y – A fotografia; a – Movimento social; k – A comuna; l – O Sena, a Paris mais antiga; m – Ócio e ociosidade; r – École Polytechnique. Já chamamos atenção que qualquer tentativa de leitura e interpretação da obra benjaminiana deve levar em conta os arquivos temáticos das *Passagens*, uma vez que evidenciam temas de muitos textos elaborados por Benjamin entre 1927 e 1940. Por exemplo: “Infância em Berlim por volta de 1900” (1930), “Pequena história da fotografia” (1931), “Experiência e pobreza” (1933), “O autor como produtor” (1934), “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1935/36), “O narrador” (1936) e “Sobre o conceito de história” (1940).¹²

Muitas obras têm sido escritas e publicadas para discutir possíveis ordenações do manuscrito das *Passagens*. Algumas levam em conta e apontam inclusive para as obras que surgiram das reflexões sobre todo o material coletado e organizado genialmente por Benjamin. Todavia, uma descoberta importantíssima foi realizada por Giorgio Agamben exatamente no mesmo ano em que edição alemã foi publicada.¹³ Em 1995, a Bibliothèque Nationale de France foi intimada pela fundação que detém os direitos de propriedade sobre os textos de Benjamin a entregar os manuscritos para o Theodor W. Adorno Archiv. Na edição brasileira, a tabela do sistema benjaminiano de siglas em

cores, em formato retangular de 13,5 x 21,5 cm, encontra-se na p. 894. Willi Bolle e Louis Hay realizaram estudos significativos a respeito dessas siglas, as quais constituem um “mapeamento simbólico” do próprio Benjamin para a estruturação e ordenamento das “Notas e materiais”.¹⁴

Uma obra tão singular como essa, como pode ser lida? De onde deve-se começar? Os organizadores da edição brasileira sugerem: “Como ordem de leitura dessa obra um tanto labiríntica, sugerimos iniciar – além da introdução de Rolf Tiedemann e do duplo posfácio, de Olgária Chaim Féres Matos e de Willi Bolle – pelo Primeiro esboço; depois, os *exposés* de 1935 e 1939; e, finalmente, as ‘Notas e materiais’, com destaque para o arquivo ‘N – Teoria do conhecimento, teoria do progresso’. Contudo, como as *Passagens* não são um texto linear, mas espacial, a leitura por *links* associativos e por roteiros de pesquisa pode ser igualmente proveitosa”.¹⁵

Trabalho das passagens é um conjunto de textos que se relacionam a um grande projeto: um livro sobre a cidade de Paris no século XIX. Mas por que tanto interesse pela França do século XIX? Benjamin retoma o velho motivo do “livro do mundo” e emprega-o em sua “leitura” da cidade de Paris do século XIX: a capital francesa e suas famosas galerias, isto é, as “passagens”. Já dissemos que elas mesmas são imagem de um “livro aberto”, podendo ser lido e interpretado – e, por que não, continuado?! – por todo e qualquer estudioso interessado na obra benjaminiana. A possibilidade de leitura e interpretação relaciona-se ao fato de cada presente apresentar indícios que apontam tanto para o futuro quanto para o passado, isto é, realizar uma leitura e interpretação do “livro do mundo”, especialmente do mundo urbano, significa estabelecer conexões entre diversas épocas. Georg Otte, por exemplo, evidencia tal legibilidade do mundo ao estudar o fenômeno da moda, um dos temas pesquisados por Benjamin no *Passagens*.¹⁶

Duas cartas a Scholem revelam a preocupação de seu autor com a obra em questão. A primeira, de 24/04/1938:

Minha leitura é intermitente, pois no momento minha atenção está quase exclusivamente voltada ao *Baudelaire*. Ainda não há nenhuma palavra escrita; mas faz uma semana que estou esquematizando tudo. Isso é decisivo, como é óbvio. Quero mostrar Baudelaire como ele estava enquadrado no século XIX e esta visão deve parecer nova, como também exercer uma força de atração difícil de definir, assim como desperta a marca de uma pedra, que após repousar durante décadas no solo de um bosque, foi por nós levantada com um certo esforço, marca que se revela ante nossos olhos intacta e clara.

E a segunda, de 30/09/1938:

Mas não encontrei nem tempo nem forças de me dirigir a você antes de terminar antes de ontem, após mais de três meses de trabalho muito intenso, meu grande ensaio ‘Baudelaire und das Paris des Second Empire’ [‘Baudelaire e a Paris do Segundo Império’]. Ele constitui a segunda parte de um amplo livro sobre Baudelaire. A conjunção do mais intenso trabalho com os acontecimentos políticos obrigou-me a um imenso esforço.¹⁷

Ainda numa outra carta, de 08/07/1938, vemos que o próprio Benjamin se dá conta de que a obra talvez jamais viesse a ser publicada:

Uma das razões pela qual estou triste com o malogro das nossas intenções, além da de conhecer sua esposa, é em primeiro lugar não poder conversar com você sobre o *Baudelaire*. Tinha grandes expectativas quanto a isso, pois o objeto deste trabalho necessariamente colocou em movimento toda a massa de pensamentos e estudos a que me dediquei há um longo espaço de tempo. Nesse sentido, posso dizer que, se der certo, terei produzido um modelo exato do trabalho das 'Passagens'. Quanto à certeza do êxito, bem, essa é uma questão completamente diferente. A melhor garantia que conheço é a prudência e, portanto, emprego na composição de uma longa cadeia de reflexões (a exemplo do que fiz no trabalho sobre as *Afinidades eletivas*).¹⁸

Benjamin teria dito em certa ocasião: “Para grandes escritores, uma obra terminada pesa menos que aqueles fragmentos em que trabalharam a vida inteira”. Outro pensador alemão, Martin Heidegger, quis que o lema de suas obras completas fosse: “Caminhos – não obras” (*Wege – nicht Werke*). Charles Baudelaire, autor de inspiração das *Passagens*, escreveu num de seus textos sobre estética:

O belo é feito de um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é extremamente difícil de ser determinada, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, vamos dizer assim, sucessivamente ou tudo junto, a época, a moda, a moral e a paixão. Sem esse segundo elemento, que representa algo como a cobertura divertida, saltitante, aperitiva, do divino bolo, o primeiro elemento seria indigesto, impossível de ser apreciado, não adaptado e não apropriado à natureza humana. Duvido que se encontre uma amostra qualquer de beleza que não possua esses dois elementos.¹⁹

Seja qual for a avaliação ou juízo que fizermos das *Passagens*, trabalho acabado ou inacabado, livro aberto ou fechado, ele sugere uma nova maneira de ler e interpretar uma cidade, uma civilização, tomando por material seus “restos” – tema tão caro a Benjamin nos textos sobre infância e brinquedos! – em vez de suas obras de arte, digase, das grandes obras “acabadas”. Aqui, genuinamente, a história é escrita a partir das vozes que, via de regra, já foram ou ainda continuam sendo silenciadas em detrimento das vozes constituidoras da oficialidade histórica. O *Trabalho das passagens* pode ensinar como uma pesquisa sobre nossas cidades pode conduzir a uma reflexão em torno das fissuras e dos interstícios da sociedade contemporânea. Como sugestivamente propõe Willi Bolle, a grandeza e a inovação dessa obra está exatamente em sua forma. Ela poderia ou deveria funcionar como princípio de montagem, onde, justapondo-se fragmentos textuais do passado e do presente, estes possibilitassem, faiscando entre si, iluminar uns aos outros e, a partir disso, o contexto em que vivemos.²⁰

Trabalho das passagens, ou simplesmente *Passagens*, título pelo qual foi publicado no Brasil, é uma das obras mais significativas do nosso tempo. Paris, como capital do século XIX, é uma espécie de protótipo das grandes cidades. Com atenção e ênfase às galerias comerciais como primeiras paisagens do consumo, a capital francesa apresenta

e representa a história da cotidianidade moderna. Entretanto, *Passagens* não é a obra benjaminiana de maior expressão por causa do volume, mas pela singularíssima estrutura, pela reflexão e pelo pensamento que nela são colocados em questão, que nela são postos em movimento. Constitui-se numa provocação para pensarmos a vida nas cidades nos dias de hoje, especialmente nas megacidades como São Paulo. Num país como o Brasil, onde a maioria da população tende a concentrar-se maciçamente nas grandes conglomerações urbanas, migrando do campo para as cidades, a obra de Walter Benjamin indubitavelmente nos ajuda a pensar os problemas que a cada dia ganham novas configurações sociais, políticas e econômicas.

* Renato Kirchner é professor da USF.

¹ A melhor referência para as “passagens parisienses” encontra-se em BENJAMIN, W. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão e revisão de Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Cf. especialmente pp. 77-100; 901-902. Cf. também MISSAC, P. *Passagens de Walter Benjamin*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

² BAUDELAIRE, C. *Obras estéticas: filosofia da imaginação criadora*. Tradução de Darci Heldt e apresentação de João Ricardo Moderno. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 221 (grifo nosso).

³ BENJAMIN, W. *Passagens*. Op. cit.

⁴ BENJAMIN, W.; SCHOLEM, G. *Correspondência: 1933-1940*. Tradução de Neusa Soliz e revisão de Plínio Martins Filho. São Paulo: Perspectiva, 1993. Em 1975, Gerschom Scholem escreveu *Walter Benjamin: a história de uma amizade*, traduzida e publicada em São Paulo pela editora Perspectiva, 1991. Cf. também SCHOLEM, G. *A mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

⁵ BENJAMIN, W. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Tradução, apresentação e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras/Edusp, 1993.

⁶ BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, prefácio e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁷ No Brasil, estes textos, entre outros, foram publicados em BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2002. Os textos reunidos sob o mesmo título já tinham sido publicados pela editora Summus, de São Paulo, em 1984, com tradução também de Mazzari e textos introdutórios de Uilson Pereira e Willi Bolle.

⁸ Cf. BOLLE, W. “Nota introdutória”. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Op. cit., p. 900.

⁹ Cf. BOLLE, W. “Um painel com milhares de lâmpadas. Metrópole & megacidade”. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Op. cit., p. 1165.

¹⁰ Cf. TIEDELMANN, R. “Introdução à edição alemã (1982)”. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Op. cit., pp. 31-32.

¹¹ BENJAMIN, W.; SCHOLEM, G. *Correspondência: 1933-1940*. Op. cit., pp. 218-219.

¹² Estes e outros textos importantes de Benjamin foram publicados em *Obras escolhidas* (vols. 1, 2 e 3). São Paulo: Brasiliense, respectivamente em 1985, 1987 e 1989.

¹³ Cf. AGAMBEN, G. “Un importante ritrovamento di manoscritti di Walter Benjamin”. In: *Aut... Aut...* Florença: mag-ago. 1982, n. 189/190, pp. 4-6.

¹⁴ BOLLE, W. “As siglas em cores no *Trabalho das passagens*, de W. Benjamin”. In: *Estudos avançados*, 10 (27). São Paulo: maio-ago. 1996, pp. 41-77; HAY, L. “L’écrit et l’imprimé”. In: _____ (org.) *De la lettre au livre. Sémiotique des manuscrits littéraires*. Paris: Editions du CNRS, 1989, pp. 7-34.

¹⁵ BOLLE, W. “Um painel com milhares de lâmpadas. Metrópole & megacidade”. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Op. cit., pp. 1166-1167.

¹⁶ OTTE, G. Op. cit.

¹⁷ BENJAMIN, W.; SCHOLEM, G. *Correspondência: 1933-1940*. Op. cit., respectivamente pp. 292-293 e 313.

¹⁸ Ibidem, p. 312.

¹⁹ BAUDELAIRE, C. Op. cit., p. 219.

²⁰ Muito sugestivos, nesse sentido, os trabalhos de Bolle: “Um painel com milhares de lâmpadas. Metrópole & megacidade”. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. ° cit., p. 1141S; e *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1994.